

O processo de transição agroecológica, organização social e redesenho das práticas produtivas: o caso de um agroecossistema

The process of agroecological transition, social organization and design of the productive practices: the case of an agroecosystem

CARDOSO, Joel Henrique – Embrapa Clima Temperado (joel@cpact.embrapa.br); SCHIAVON, Ênio Nilo – Associação Arpa Sul; SCHWENGBER, José Ernani – Embrapa Clima Temperado (jernani@cpact.embrapa.br); SCHAEDECK, Gustavo - Embrapa Clima Temperado (gustavo@cpact.embrapa.br)

Resumo: A partir da história de transição agroecológica de um agroecossistema, procurou-se evidenciar os momentos relevantes do processo de conversão e aqueles fatores considerados pelo agricultor como estratégicos, para que esse processo tenha tido êxito nesses 10 anos de manejo agroecológico. Sustenta-se que o processo de transição agroecológica vivenciado pela família naquele agroecossistema encontra-se em nível avançado de redesenho, uma vez que as práticas de cultivo se beneficiam cada vez mais da biodiversidade local, manejando-se plantas espontâneas e realizando-se práticas agroflorestais com a vegetação nativa.

Palavras chaves: agroecossistema, agroecologia, agrofloresta, transição.

Abstract: Starting from the history of agroecological transition of an agroecosystem, the relevant moments of the conversion process for the agroecology are evidenced and those factors considered by the farmer as strategic, for the success of the process on those 10 years of agroecology handling. It is sustained that the process of agroecological transition lived by the family in that agroecosystem meets in advanced level of design, since the cultivation practices gets some benefit from local biodiversity, being handled spontaneous plants and taking place agroforestry practices with the native vegetation.

Key words: agroecosystem, agroecology, agroforestry, transition.

Introdução

Na perspectiva de analisar aspectos da transição agroecológica, o agricultor Ênio Nilo Schiavon e família, enquanto integrante da rede de referência para a transição agroecológica da agricultura familiar da região sul do Rio Grande do Sul, apresenta a sua experiência de aproximadamente 10 anos. O estudo enfatiza o início da transição e as evidências desse processo na dinâmica da unidade de produção. É apresentado um pouco da história do agroecossistema, que atualmente sugere estar em um estágio elevado de redesenho das práticas produtivas, as quais se beneficiam cada vez mais dos processos de sucessão natural. Essas conquistas estão respaldadas por um conjunto de instituições sociais, com as quais a família e seu agroecossistema interagem. Essa interação possibilita práticas produtivas e processos de organização social que criam as condições para a produção de alimentos

saudáveis e a conservação da base de recursos naturais, gerando renda e bem estar para a família. O estudo visa valorizar e socializar a experiência de um agricultor e sua família que vem redesenhando um agroecossistema e que participa de um processo social de produção de alimentos de base ecológica.

Desenvolvimento

O presente estudo assume a perspectiva do agroecossistema como sistema vivo e multilinear em seu processo de coevolução socioambiental (NOGAARD; SIKOR, 2002) e analisa o seu processo de transição agroecológica. O conceito de agroecossistema permite analisar um local de produção agrícola com ferramentas teórico-metodológicas fundamentadas na ciência ecológica (GLIESSMAN, 2000).

A unidade possui uma área de 9,8ha e está localizada na Colônia São Manoel, Pelotas, RS. Esta propriedade integra o projeto “*Pesquisa participativa em rede de referência para a agricultura familiar de base ecológica na região sul do RS*” que conta com outras 14 propriedades de agricultores familiares em diferentes níveis de transição agroecológica. Estes agroecossistemas servem de referência para o processo de pesquisa-ação participante que vem sendo desenvolvido pela Embrapa Clima Temperado em cooperação com entidades parceiras.

Para a realização desse estudo foram utilizadas ferramentas metodológicas qualitativas, como a entrevista aberta semi-estruturada e a observação direta. O diálogo foi registrado por meio de gravador e a transcrição ocorreu na íntegra, possibilitando a análise textual do discurso com o objetivo de aprofundar significados sobre o processo de transição agroecológica, práticas de manejo adotadas e sua cronologia, no âmbito daquele agroecossistema.

Além da entrevista foram feitas análises de materiais secundários, como observações de campo e relatos escritos, além de um croqui da unidade de produção elaborado pelo agricultor.

INÍCIO DA TRANSIÇÃO

O agroecossistema estudado era da família Schiavon desde a década de 70, mas apenas em 1993 passou a ser manejado por Ênio Nilo Schiavon e família. Segundo o agricultor, a área era explorada por sócios que faziam um manejo degradante dos recursos da propriedade. Antes de mudar-se para a área, o agricultor havia se intoxicado seriamente com agrotóxicos utilizados no pomar de pêssego. Esse fato, juntamente com o nascimento de seus filhos, o levou a abandonar a fruticultura.

A primeira atividade na nova propriedade foi a bovinocultura de leite, que durou somente 1,5 anos, cedendo lugar novamente à produção de pêssego, porém em sistema de produção de base ecológica. O agricultor foi iniciado na produção agroecológica por técnicos vinculados a organizações das igrejas católica e luterana e teve grande relevância em sua experiência, os processos organizacionais que ocorriam em outras regiões do Rio Grande do Sul, como o da Coolméia em Porto Alegre e região e a do Centro Ecológico na região da Serra Gaúcha.

"Aí a gente começou a buscar cursos fora do município. A gente foi a Ipê, a Antônio Prado, aquela região ali onde tinha o pessoal da Coolméia e onde a gente buscou alguma coisa (...), Porque esse curso que a gente fez em 94 em Ipê, Antônio Prado, até a nossa professora foi a Maria José Guazelli, e pra mim foi... sei lá, como se eu estivesse numa peça escura e abrir uma janela, puf... Dali eu voltei pra casa sem medo de errar..."

Todas as mudanças agroecológicas percebidas na propriedade, não podem ser analisadas de forma desconexa ao processo de organização social que acontece na região de estudo e que o agricultor participa ativamente (GUZMAN CASADO *et al*, 2000). Isso pode ser exemplificado na fala do agricultor sobre sua participação em um grupo de agricultores, que é considerada estratégica no processo de organização do seu agroecossistema.

"O grupo que eu pertencço hoje é o grupo Vila Nova, é um grupo que foi fundador da Arpa Sul, Associação Arpa Sul e permanece até hoje dentro da Associação. (...) Nós temos 26 famílias e tem vários municípios né, tem Turuçu, Arroio do Padre, Pelotas, Canguçu, Morro Redondo, São Lourenço. (...) Esse grupo ele possibilita a vender o meu produto através das Feiras Livres e Mercados Institucionais né. E o que vem direto a cair de volta dentro da propriedade, né. É um dinheiro que ele, o produto vai lá, o dinheiro volta e entra pela propriedade e é transformado."

EVIDÊNCIAS DA TRANSIÇÃO

O agroecossistema já está em processo de transição há mais de 10 anos, apresentando características de redesenho que permitem afirmar que seu nível de transição agroecológica é avançado (GLIESSMAN, 2000). Evidências desse fato puderam ser observadas em momentos da entrevista, como:

"[Me perguntaram],(...) O quê que tu faz pra espantar tal bicho? (...) Digo, praticamente nada. Porque não preciso mais espantar eles. Eles já não me

incomodam mais. No início eu precisei, até os terceiro e quarto ano é complicado. Foi complicado, tivemos que fazer calda, (...) um monte de produto para poder... Só que a terra era tão debilitada que não tinha alimento para os bichinhos. Que não é a realidade de hoje, que hoje já praticamente viva e eles tem alimento ali que chega, não precisa mais."

Outro aspecto que demonstra que o agricultor vem, cada vez mais, integrando o seu agroecossistema à dinâmica natural do ecossistema em que está inserido, se refere ao uso e manejo da vegetação nativa em práticas agroflorestais . A vegetação nativa é utilizada em práticas agroflorestais como cobertura de verão, quebra vento, estacas vivas e fonte de matéria orgânica para os solos da unidade, havendo técnicas e rotinas específicas para a otimização dessa prática (NAIR, 1993).

A vegetação espontânea, que ocorre nas entrelinhas do pomar de videiras, laranjeiras e pessegueiros, é podada a altura de 20 cm no mês de fevereiro por meio de roçadeira acoplada a micro-trator, após a sobressemeadura de plantas de cobertura de inverno.

"(...) Tu vai roçar ela só em fevereiro. De dezembro a fevereiro é que é o pico da vegetação nativa. Nesses três meses aí ela triplica o tamanho. (...) Ela se torna uma quantidade de massa quase mais significativa que a própria cobertura de verão que fosse botar."

Os rebrotes que estão próximos às plantas cultivadas são conservados até a época da poda de cada uma das frutíferas, quando são cortados com tesoura e lançados nas linhas, servindo como adubação orgânica.

Relacionado com essa prática está o manejo dos moirões vivos de aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi), que é utilizada para a sustentação das videiras e é podada duas vezes ao ano, coincidindo com as podas da própria videira. Os ramos e folhas são lançados nas linhas e entrelinhas, adicionando matéria orgânica ao solo.

Outro manejo que o agricultor desenvolveu em seu agroecossistema é a manutenção de bordas de vegetação nativa nos pomares e lavouras. À medida que essa vegetação avança para as áreas de cultivo o agricultor faz podas de contenção. O material resultante da poda é utilizado como massa verde para a adubação das terras cultivadas.

Considerações finais

O caso apresentado reforça a idéia de que a transição agroecológica, como processo complexo que é, será tanto mais difícil quanto menos articulado o agroecossistema estiver a uma organização social que lhe dê suporte para tal. Também fica evidente a tendência natural

dos agroecossistemas que praticam uma agricultura de base ecológica em utilizar a biodiversidade local e os processos de sucessão natural, parecendo ser um caminho bastante comum à adequação de práticas agroflorestais, apesar de que essas possam ser muito variadas e capazes de passar despercebidas ao olhar do observador pouco atento.

Referências Bibliográficas

GUZMÁN CAZADO, G. I.; GONZALES DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMAN, E (Coord). Introduccion a la agroecología como desarrollo rural sustentable. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

GLIESMAN, S. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade / UFRGS. 2000.

NAIR, P. K. R. An introduction to agroforestry. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1993.

NORGAARD, R. B.; SIKOR, T. O. Metodologia e prática da agroecologia. In: ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba, RS: Ed. Agropecuária, 2002. p. 53-84.